

Adroaldo garante que Governo já disparou um novo ciclo recessivo

— Não se deve esperar significativa recuperação da economia brasileira a médio prazo e não é verdade de que o Governo esteja esperando pelas eleições de 15 de novembro para baixar suas medidas de austeridade econômica, pois elas já estão aí, na opinião do professor Adroaldo Moura Silva, chefe do Departamento de Pesquisa da Faculdade de Economia da USP.

Fatos significativos, ocorridos nos últimos dois meses, são, na sua opinião, a razão para não crer na recuperação de 83: o declínio da expansão dos meios de pagamento, crédito e base monetária, o aperto no crédito e a elevação dramática da taxa de juro real com o anúncio da correção monetária e da universalidade da ORTN para as operações de crédito no mercado interno.

Em sua opinião, acreditar numa recuperação imediata seria "meio irresponsável, já que as condições de nosso balanço de pagamentos não nos autorizam a tal otimismo". Além disso, "é bobagem, é retórica, é palavra" dizer que o problema pode ser resolvido com algumas medidas de redirecionamento de setores, já que "ainda está por criar uma fórmula de administração de economia que permita dizer você cresce, você não cresce".

O país, diz ele, "está grudado na sobrevalorização cambial: escassez de moeda estrangeira de um lado e queda crescente do superávit da balança comercial do outro. Então, todo o movimento junto ao câmbio é explosivo em termos de taxa de juro real. E, como esta é a pedra angular do sistema, não é possível fazer nada, sem que primeiro se resolva esta equação".

Todas as medidas tomadas no exterior de pouco servirão para o Brasil resolver seus problemas, enquanto persistir a sobrevalorização do câmbio, que

não é resolvida com a aceleração da correção cambial. "E por isso que não acredito num crescimento, numa recuperação nos próximos dois anos", acrescenta. Critica, pois, todas as propostas da Oposição, como do Governo que não se preocupam com o problema da sobrevalorização cambial e anunciam "que tudo vai bem, ou pode vir a estar melhor".

"O mundo vive uma recessão das maiores da história e é uma irresponsabilidade do profissional economista tentar fazer crer à sociedade que existe uma alternativa fácil. Existem, no meu entender, alterna-

tivas para a política econômica que está aí, de modo a minimizar o sofrimento dessa travessia. Tudo que podemos prometer são formas de austeridade."

Se fosse Ministro do Planejamento ele tomaria, para minimizar este sofrimento, algumas medidas concretas, capazes de captar mais recursos externos e não destruir o parque industrial brasileiro. Para isso, "somente com uma política econômica relativamente austera, que nos permita mudar os preços relativos fundamentais — ou seja: acabar com a sobrevalorização cambial".

"Há que mudar a política salarial, pois a que está aí não é consistente com o momento que estamos vivendo", prossegue. "Ela penaliza excessivamente a classe média e está-se tentando fazer uma distribuição de renda impossível numa recessão através da política salarial. Tem que ser mantida a semestralidade, mas deve ser alterada a lei de forma a que fique mais ou menos homogêneo o aumento para todas as pessoas que ganham até 20 salários mínimos."

"Deve ser feita uma desvinculação entre as taxas de juro interna e externa, de forma que seja possível administrar convenientemente a política cambial e a taxa de juro real. Isto, com austeridade relativa nos gastos públicos, crédito, fisco podem permitir a acomodação do setor industrial, preservá-lo e fazê-lo sobreviver e crescer."

Advoga, ainda, o professor Adroaldo Moura Silva uma reforma na política fiscal, por forma a conceder maior autoridade e mobilidade aos órgãos que têm por dever aplicá-la, corrigindo distorções resultantes de incentivos que incidem sobre IPI, ICM, etc. A médio e longo prazo há que reorganizar a base fiscal do setor público. "As medidas são muitas, mas complicadas".



Adroaldo Moura



A reconquista da esperança